

Mesa de abertura

Mario Pablo Fuks

No começo da década do 70, em função dos ventos de liberação que percorriam o mundo inteiro, muitos psicanalistas começaram a questionar o apoliticismo e a alergia contra as questões sociais que, em nome de uma suposta e mistificada neutralidade científica e valorativa, dominava a mentalidade das sociedades psicanalíticas dependentes da IPA. Mas não só isso. Também começaram a questionar sua estrutura hierárquica, seu sistema formativo sustentado na análise didática, sua rigidez normativa, a fronteira igualmente rígida estabelecida entre o intra e extra-institucional, a dogmatização das teorias, a ritualização das práticas e a reivindicação monopólica da herança freudiana. Tudo isto, fazendo um todo articulado, fez com que muitos de nós repensássemos nossa pertinência a estas instituições.

Na América Latina, mais precisamente na Argentina, onde a inserção e a incorporação da psicanálise à vida das cidades são tão importantes, esse movimento de questionamento adquiriu tal força, originalidade e organicidade, que o levou a protagonizar, através dos grupos Plataforma e Documento, a primeira ruptura político-ideológica na história da Associação Psicanalítica Internacional, fundada por Freud em 1910¹. O movimento recebeu adesão e participação crescente de analistas formados e em formação, tanto periféricos como distantes da instituição oficial, além de intelectuais, trabalhadores da cultura e das diversas profissões presentes no campo da Saúde Mental.

Muitos desses profissionais que constituíram as bases desse movimento, tinham iniciado sua formação em um espaço extra-muros da APA, nas faculdades de psicologia, em espaços alternativos como escolas de psicoterapia ou de psicologia social, e notadamente, em instituições de saúde mental de destaque no campo da saúde pública. No desenvolvimento desses espaços tinham protagonizado um papel ativo, bem antes da ruptura, alguns

psicanalistas com grande criatividade, formação cultural, interesse pelo social e desenvolvimento autônomo que atravessaram os muros ideológicos da oficialidade psicanalítica para investir ou criar esses novos âmbitos e novas práticas.

Esse perfil de analista autônomo, aberto ao mundo da cultura e comprometido ética e politicamente, impulsionou o desenvolvimento e a expansão da psicanálise aqui no Brasil, anos depois, fora do âmbito oficial, e acompanhado com os processos de democratização, criação da cidadania e construção de projetos de transformação social. Contribuíram a criação e o fortalecimento de projetos psicanalíticos formativos de fôlego, promovendo uma colegialidade sem hierarquias e ligando-se a instituições comprometidas com as lutas sociais. Além disso, e vale aqui a menção a minha experiência pessoal, idêntica à de muitos outros que me são próximos, a acolhida generosa aos analistas argentinos obrigados a exilar-se criou laços fortíssimos de trabalho e amizade que permitiram que, migrantes todos, crescêssemos juntos. Assim, a participação de todos esses analistas nos projetos assistenciais públicos, nos movimentos de trabalhadores de saúde mental, em particular da Luta Antimanicomial e o desenvolvimento inventivo de práticas alternativas ao modelo hospitalocêntrico – além da presença forte e expansiva no mundo acadêmico e nos espaços culturais em geral - conferem uma riqueza particular ao movimento psicanalítico brasileiro.

No entanto, vale agora perguntar-nos sobre o papel que coube no início desse movimento, começado já o processo de abertura democrática, ao questionamento ideológico e político das instituições oficiais. Nos termos que já apontamos, pelo controle vertical de vida, idéias e obras de seus membros, exacerbado pelo medo de perder o monopólio da psicanálise, e principalmente pela cumplicidade dessas instituições com o poder e a mentalidade totalitária da ditadura militar..

Penso que estamos respondendo a essa pergunta com a presença de analistas de todo o mundo, hoje, aqui no Rio de Janeiro, reunidos no 2ª encontro mundial dos EG da Psicanálise, espaço cuja convocatória, por iniciativa de Rene Major, foi deflagrada a partir publicação do livro de Helena Besserman Viana² denunciado a cumplicidade flagrante e grosseira de uma

dessas instituições, somada à omissão da IPA na investigação e esclarecimento dos fatos.³

Essa presença de todos nos é certamente a melhor homenagem para a memória de Helena Besserman Viana por sua vida, sua luta e seu papel decisivo na criação de essa instância, também de luta, que são os Estados Gerais.

Bem. Entre um e outro movimento, o da Argentina e o do Brasil, que acabamos de delinear, aconteceram, com alguns anos de defasagem, as ditaduras militares que irromperam na América Latina, implantando em quase todo o sul o terror de Estado, galvanizadas pela doutrina da segurança nacional funcional ao regime de dominação e exploração continental.

A partir da década de 1980, uma série de analistas latino-americanos (em geral brasileiros, uruguaios e argentinos) produziram trabalhos referentes ao efeito, na subjetividade, dessas catástrofes sociais de alto impacto traumático. Demonstraram como a perda de vínculos, a deterioração e a quebra do sistema de ideais, bem como o fim de projetos coletivos, impõem uma subjetividade fragilizada, quadros de verdadeira "demolição" da identidade e uma cultura de violência, entre outros efeitos.⁴

É evidente que essa linha de trabalhos apresenta uma continuidade do espírito de intervenção e combate no campo político, cultural e social que caracterizou o trabalho de Freud. Surge um empenho para construir elementos conceituais que, sendo instrumento de luta contra o poder totalitário dos regimes de fato, ao mesmo tempo ampliam a totalidade do campo psicanalítico expandindo a elaboração do despotismo e da crueldade, relegados tantas vezes à estante dos trabalhos de Freud chamados de "sociais". E o papel dos analistas franceses, não podemos esquecer, em particular de René Major, na acolhida e difusão desses trabalhos, foi antecedente marcante para respondermos prontamente à sua convocatória para Paris em 2000.

Nos últimos anos surgiram trabalhos que mostram como foi possível resistir, combater o esquecimento, recriar a coragem de sustentar as convicções, unir-se a outros, enfrentar a repressão, e transcender os traumas das perdas devastadoras. Redescobriu-se, enfim, a alegria nas conquistas mais ínfimas na luta pela justiça social.. Mostrou-se como no trabalho com as

vítimas do terror de estado, e no campo da afirmação dos direitos humanos, criam-se grupos solidários capazes de oferecer um suporte amoroso que permita restaurar uma envoltura narcísica, ao mesmo tempo que se protege o eu e se evita que a necessária lembrança se torne traumática.⁵

O retorno à vida política e à ação coletiva favorece a recriação da vida psíquica, da temporalidade e do sentido histórico, a partir da construção de projetos e de utopias em que o futuro se mostra capaz de reparar as injustiças do presente. A atividade do ideal do ego possibilita a ativação dos sistemas de fantasmática e simbolização, reinstalando-se, assim, os processos de subjetivação elaborativa.

Abre-se aqui um novo capítulo dessa história. Como prêmio por sermos tão diligentes e esforçados na recuperação de nossos percalços, e lambendo ainda nossas feridas, os latino-americanos recebemos, como para animar nossa convalescência, embrulhado para presente, nada mais nada menos que o bolo neoliberal, que prometia a realização de todas as promessas, com saborosa cobertura de confete pós-moderno. Não vou detalhá-lo para não estragar o desfrute. Só vou colocar umas poucas observações para ver se conseguimos situar em algum lugar a cereja da psicanálise. Não é fácil.

Em "O Futuro de uma Ilusão", de 1927, Freud postulava que a subjetividade própria de sua época estava sustentada por um laço social que reúne três elementos: a ilusão religiosa, a lealdade política ao monarca e a proibição de pensar a sexualidade. Podemos considerar que as políticas de globalização neoliberal procuram instituir um tipo perverso de laço social constituído por outros três elementos articulados: a compulsão consumista, a fascinação midiática e a desmentida tecnológica do sofrimento humano. Essa composição subordina, com suas lógicas específicas, todos os recursos que o desenvolvimento tecnológico põe à sua disposição. Sabemos que a tecnologia neuroquímica e seus megamonopólios ocupa um lugar de vanguarda e promove práticas que se encaixam milimetricamente na lógica do consumo.

O consumidor tem que ser um sujeito que varia sistematicamente de objeto de consumo sem alterar sua posição subjetiva. O elemento novo da série é melhor porque é novo, O anterior não cai por já se ter feito a experiência subjetiva da relação com este objeto particular, mas pela pressão do novo, que vem a desalojar o anterior sem inserir-se em nenhuma história.

Assim, tanto o sujeito como o objeto se mantêm inalterados e o mercado pode expandir-se ampliando a oferta de objetos.⁶ Isto se inscreverá como malestar através da figura do toxicômano, sinalizando a produção generalizada de uma subjetividade adictiva.

Na função de remendar e recuperar dos colapsos narcísicos os sujeitos que sentem a ameaça da exclusão na sociedade do espetáculo, a psiquiatria tende a ficar sobredeterminada por estas lógicas. O contato interpessoal se reduz ao mínimo, a interlocução tende a ser evitada. Toda a operação se destina a identificar os signos e os enunciados que possam corresponder aos itens de uma classificação construída, tomando como referência os efeitos esperados do fármaco. Se o primeiro remédio não satisfaz, substitui-se por outro, ou agrega-se a outro, ou se combina um terceiro, e se retira o primeiro, num automatismo que não tem fim. Dessa maneira, não só a reflexão psicopatológica mas até os traços próprios de uma clínica e seus históricos estão se evaporando, des-subjetivando o próprio médico, agente dessa operação.

A psicanálise, uma "psiquiatria-que-aceita-as-lágrimas" - como a definiu Rickman e foi recuperada por Pichon Rivière- e muitas práticas socioculturais, notadamente as artes, capazes de promover processos de subjetivação elaborativa e criativa, operam um corte e uma subversão nessas lógicas alienantes. Partem da disposição para uma experiência subjetiva que implica a "alteração" recíproca dos sujeitos da experiência, abrindo a possibilidade de um percurso imprevisível que permita ir desenhando a "patologia contemporânea singular" de cada um deles.

Eu entendo que qualquer que seja o âmbito institucional, o enquadramento técnico ou o marco contratual em que se insira, a psicanálise tem uma lógica específica e um tipo de andamento que lhe é próprio, pelo qual, e em relação às lógicas derivadas do tripé anteriormente mencionado, fica situada, necessariamente, em posição de resistência.

Isso não a deixa imunizada contra os efeitos do mercado, o que exige uma consideração muito cuidadosa. Como diz a Bíblia, sem farinha não tem Toráh. E farinha custa dinheiro. O mercado coloca os analistas em situações complexas em que não fica ausente uma dimensão de crueldade, para retomar um conceito que foi reintroduzido no 1º Encontro dos Estados Gerais.

A formação, no entanto, pode ser fortemente impregnada pelas ilusões e pelas operações do marketing. Não acho, contudo, que possa existir um caminho pré-traçado para a formação de um psicanalista crítico, interessado na construção de um outro mundo possível.

Mas, voltando às ilusões coletivas contemporâneas de que falávamos anteriormente, começa a produzir-se hoje com elas o que dizia Freud em 1927 a respeito da religião: há perda da coerência, há decepção com os resultados, há um mundo que não responde nem corresponde à vontade do Deus neoliberal. Há perda da credibilidade por parte das próprias elites. Não conseguindo velar o fundo de exclusão e violência que elas produzem, tenta-se agora voltar a pôr em cena o laço paranóico da guerra, com um componente de má fé e irracionalidade que supera todas as versões anteriores.

Qual está sendo a experiência dos analistas frente a esse mundo em transformação e a seus efeitos na subjetividade, é precisamente o que nos temos proposto a encarar e analisar neste 2º Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise⁷. Estabelecemos, com essa finalidade, uma agenda extensa de questões com diversos ângulos de abordagem, buscando traçar um quadro global, ampliar o campo da análise e perfilar melhor os caminhos a percorrer nas nossas intervenções.

Os problemas são grandes, mas o contexto e a paisagem nos animam. Não falo somente da beleza da cidade de Rio de Janeiro. Falo do Brasil e da América Latina, onde vêm acontecendo processos sociais e políticos de uma envergadura e uma riqueza ética, política e jurídica que fazem a democracia crescer e tornar-se mais verdadeira.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ LANGER, M. (comp.): *Cuestionamos I e II*. Granica, Buenos Aires, 1971-1973. .

²BESSERMAN VIANA, H. *Não conte a ninguém... Contribuição à História das Sociedades Psicanalíticas de Rio de Janeiro*. Imago, Rio de Janeiro, 1994.

³ MAJOR, R. "Convocação para os Estados Gerais da Psychanalyse". Paris, 2000.

⁴ COLLECTIF *Le psychanalyste sous la terreur* - Rencontre Latino-américaine
Psychanalyse qui a eu lieu à Paris, à la Maison de l'Amérique Latine, du 20 au 26 janvier
1986. Edition Matrice, Vigneux, 1988, 364p

⁵ CARO HOLLANDER, N. *Amor en tiempos de odio: Psicología de la liberación en
América Latina*. Homo Sapiens Ediciones, Buenos Aires, 2000.

⁶ LEWKOWICZ, I. "Subjetividad adictiva: un tipo psico-social históricamente
instituído", *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*,
Buenos Aires, Tomo 21, No. 1.

⁷ COMITÉ EXECUTIVO DO SEGUNDO ENCONTRO MUNDIAL DOS ESTADOS
GERAIS DA PSICANÁLISE . "Convocatória" e "Documentos" . Rio de Janeiro, 2003.